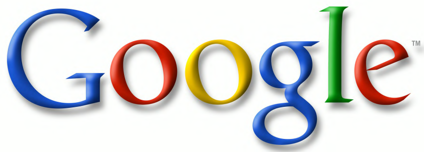
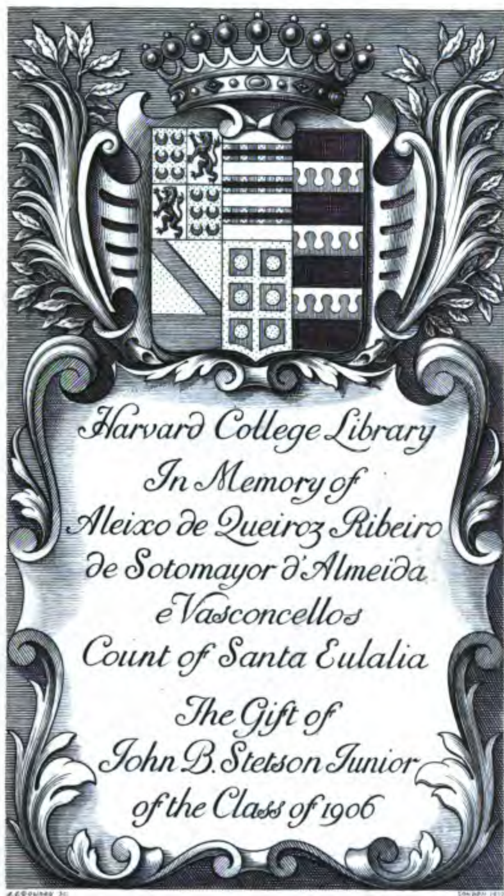



Harvard College Library
In Memory of
Aleixo de Queiroz Ribeiro
de Sotomayor d'Almeida
e Vasconcellos
Count of Santa Eulalia
The Gift of
John B. Stetson Junior
of the Class of 1906

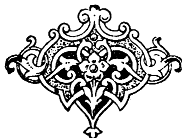
*Theophilo Braga*

# ANTHERO DE QUENTAL

In Memoriam

# RODRIGUES DE FREITAS

Commemoração biographica



LISBOA
Typographia da Companhia Nacional Editora
*Largo do Conde Barão, 50*
MDCCCXCVI

# ADVERTENCIA

Os dois escriptos do sr. dr. Theophilo Braga, que n'este folheto archivamos, fazem parte da serie de apreciadas cartas de Lisboa, que o notavel erudito e laureado critico está publicando no *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro. Auctorisado pelo illustradissimo publicista, que condescendeu n'isso com os nossos desejos,— o que muito agradecemos á sua comprovada amabilidade, — aqui as reproduzimos como documentos litterarios de subida valia.

Lisboa, 8 de outubro de 1896

A. R.

# ANTHERO DE QUENTAL

IM MEMORIAM

Acaba de apparecer á luz da publicidade um esplendido volume in-8° grande, de 530 paginas, com mais XCVI de bibliographia, e ainda XXXI paginas, contendo uma série de 25 cartas ineditas de Anthero de Quental. Este livro de ha muito que estava em preparação, devendo-se a demora do seu apparecimento á difficuldade de reunir o texto litterario de escriptores impressionistas que só escrevem quando acontece acharem-se com disposição ou inspiração. Tem o livro um utilissimo intuito: consagrar a Memoria de Anthero de Quental, o incomparavel poeta dos *Sonetos* philosophicos, nos quaes fez por assim dizer a autopsia da sua alma atormentada. E para que em tudo este monumento trouxesse impresso um caracter sympathico, forão convidados os mais intimos amigos de Anthero de Quental, os quc mais de perto vivêrão com elle, os que escutárão as suas doutrinas metaphysicas e revolucionarias, os que o acompanhárão como admiradores sinceros até ao seu ultimo momento, para contribuirem para este padrão *In Memoriam* com estudos criticos sobre a sua vida e os varios aspectos de seu ta-

lento. Que bello livro seria este, e bem merecido por Anthero de Quental, se o pensamento originario fosse realisado! Infelizmente a homenagem ao genial poeta, longe de consagrar-lhe a memoria, deprime-a pela inconsciencia com que alguns amigos se comprazem em descrever situações menos louvaveis de Anthero, ou pondo em evidencia o seu estado pathologico de vasia mental, de que foi victima.

Quanto ao influxo sympathico, tão natural e tão simples de conservar e de repassar todo esse livro, está substituido por uma atmosphera de odio por alguns escriptores que se servírão d'aquelle pedestal para d'alli detraz do vulto tragico e compassivo de Anthero de Quental atirarem sua pedrada traiçoeira a um ou outro transeunte por este arraial das lettras portuguezas. Vejamos como se originou a idéa deste livro.

Na *Revista de Portugal*, da casa editorial Lugan, do Porto, publicou Anthero de Quental uma serie de artigos com o titulo *Tendencias geraes da Philosophia na segunda metade do seculo XIX*; erão redactores dessa revista Eça de Queiroz, Luiz de Magalhães e Jayme de Magalhães Lima, amigo e admiradores de Anthero. Quando constou a desoladora noticia do suicidio do poeta, em 11 de Setembro de 1891, em Ponta Delgada, na ilha de S. Miguel, annunciárão a publicação de um numero da *Revista de Portugal* consagrado exclusivamente á memoria do seu collaborador.

Por circumstancias inherentes ao nosso meio litterario, a *Revista de Portugal* interrompeu a sua publicação, responsabilisando-se o honrado editor a cumprir a promessa feita, prestando-se

a mandar imprimir em livro a projectada homenagem annunciada em 1891. Pouco depois o proprietario da casa editora M. Mathieu Lugan trespassou-a, mas cavalheirosamente manteve a sua palavra, concorrendo com todas as despezas para que a obra viesse a lume. Lucrou o plano do livro, alargando-se por fórma a tornar-se, segundo o empenho de Eça de Queiroz—« o depoimento dos amigos de Arthero perante a historia. » Eis a causa da gestação de seis annos, que tanto levou a elaboração do livro. Oxalá que os meus amigos me não submettão nunca a um tão ingenuo inquerito; porque nada ha mais deploravel do que a inconsciencia que se faz passar por sinceridade. O livro *In Memoriam* foi coordenado por Luiz de Magalhães e Jayme de Magalhães Lima; pouco informados dos antecedentes de Anthero deixárão penetrar n'esse livro individuos que hostilisárão Anthero, ou que nunca tiverão a sua intimidade, que hoje affectão; e admittírão narrativas banaes que não engrandecem o espirito d'aquelle a quem se presta a apotheose. Consta o livro *In Memoriam* dos seguintes artigos:

*Anthero de Quental (recordações)* por Alberto Sampaio *O Tedio doloroso* por Zabreu, sanskritologo escrivão da Boa Hora; *A constituição poetica de Anthero de Quental,* pelo celebre amigo de Urbino de Freitas, F. A. Coelho: *Anthero de Quental (esboço psychologico),* por F. Machado de Faria e Maia; *O mal do seculo,* por Oliveira Martins; *A prosa de Anthero,* por Salomão Sáraga; *Em lembrança de lembrança de Anthero,* por C. de Andrade Albuquerque; *Ao correr da penna (Notas),* por Manoel de Arriaga; *Uma carta inedita,* por Santos Valente; *A vida de Anthero,* por Luiz de Magalhães; *O fim do Poeta,* por Lobo de Moura; *Memorias,* por João M. de Faria e Maia; *Tributo singelo,* por Alice Moderno; *Um justo,* por Jayme de Magalhães

Lima; *Nosographia de Anthero,* pelo Dr. Souza Martins (seu medico); *Annos de Coimbra,* por Philomeno da Camara; *O sonho do Poeta,* por Anselmo de Andrada; *Discurso commemorativo,* por Vaz Pacheco; *O suicidio de Anthero,* por M. Duarte de Almeida; *Recordações de familia e impressões pessoaes,* por V. de Faria Machado; *Anthero e a Allemanha,* por D. Carolina Michaëlis; *Recordações queridas,* por Marianno Machado; *Annos de Lisboa (algumas lembranças),* por Jayme Batalha Reis; *O drama da sua vida,* por Guerra Junqueiro; *Um genio que era um santo,* por Eça de Queiroz; *Um avô do poeta:* Bartholomeu de Quental, por Joaquim de Vasconcellos; *No tumulo de Anthero* (quadra), por João de Deus; *O Brazão dos Quentaes,* e *Esboço genealogico,* por Ernesto do Canto; *Ensaio de Bibliographia Antheriana,* por Joaquim de Araujo.

Seguem-se a todos estes devaneios e estudos as vinte e cinco encantadoras cartas de Anthero de Quental.

Pondo de parte tres ou quatro d'estes trabalhos que emprestão verdadeiros subsidios para o conhecimento da individualidade de Anthero, os outros são prosas estylisticas, em que os seus autores mais ou menos se collocão em fóco a pretexto do desgraçado poeta.

Começa um:

«Uns tres dias *antes de eu* e Oliveira Martins o acompanharmos a bordo e lhe darmos o ultimo abraço, Anthero estivera *em minha casa* desde cerca das 2 horas até depois das 4 da tarde». Vinha dizer-*me* adeus mais demorado que das outras vezes.

«Reclinado, em posição quasi horizontal na camilha da *minha bibliotheca,* olhou em roda, attentamente, para os livros das estantes e da *minha* mesa de trabalho, e *perguntou-me* que opinião *tinha eu* das obras de Rhys Davids».

Por este insistente personalismo vê se logo que se tem em frente um pedante; procura-se o nome e acha-se o do celebre sanskritologo - escrivão,

que além de assoalhar ahi a sua personalidade comica, ainda joga á sorrelfa a sua pedrada aos que bem conhecem toda a sua inanidade.

A nota odiosa sujou o livro que devêra ser sympathico; esta, porém, é propositada e bastava considera-la como um abuso, passando adiante. Ha outras de deploravel effeito, nas narrativas dos mais sinceros amigos de Anthero, que com certeza não as escrevêrão para produzirem a impressão deprimente que deixão em quem lê. Quando Anthero de Quental estabeleceu por algum tempo em Lisboa a sua residencia, junto com Batalha Reis, agrupou-se em volta d'elle uma pequena Bohemia de rapazes intelligentes e espirituosos, que vivião em troça permanente. Philosophava-se, discutia-se, improvisava-se, com um criticismo vagabundo mas esterilisante. Luciano Cordeiro, que então apparecêra nas lettras e manifestava o seu enthusiasmo critico nos folhetins da *Revolução de Setembro*, quiz assistir ás discussões d'essa reunião, a que dérão o nome de *Cenaculo*, para ser iniciado por Anthero na Metaphysica. Com toda a sinceridade da sua crença na superioridade mental de Anthero era facil abusar d'elle; Anthero começou por fazer-lhe a revelação de um extraordinario poeta cossaco, ainda desconhecido em Portugal, chamado *Ulurus*, do qual expoz os mais arrojados pensamentos. Luciano Cordeiro acreditou na individualidade de *Ulurus*, e isto em nada deslustra a nobre confiança que elle tributava a um espirito dirigente que se chamou Porta-estandarte das idéas modernas em Portugal. Cahiu Luciano Cordeiro na leviandade de fallar em um folhetim, que reim-

primiu no seu *Livro de Critica*, no tal poeta *Ulurus*. Imagine-se a troça que lhe fizerão os do Cenaculo; e com certeza seria um escriptor exautorado se elle não possuisse faculdades e uma extraordinaria capacidade de trabalho em que tem revelado todo o seu valor.

A anecdota de *Ulurus* estava esquecida; e mesmo, n'este embuste, quem não estava na melhor posição era Anthero de Quental. Convinha não fallar n'isto; mas á falta de factos impulsivos, narra Batalha Reis, como é que elle, Eça de Queiroz e Anthero, inventárão as satanicas do norte:

«O nome de um d'esses monstruosos poetas era perigoso de pronunciar, produzia o vomito, tendo só consoantes: Hrldwzh. Mas o grande artista que maior acceitação teve em Lisboa, foi Ulusug, citado, com respeito e louvor, em livros de critica litteraria do tempo. Os livreiros, instados por alguns dos mais cultos litteratos portuguezes, durante muitos mezes encommendárão para Pariz as obras completas d'este diabolico e phantastico autor». *(In Mem., p. 461.)*

Não se cita aqui o nome de Luciano Cordeiro, mas todos conhecem a anecdota, que hoje só tem o inconveniente de pôr a uma luz menos sympathica o espirito, dirigente, que obedecia ás suggestões do meio trocista em que se achava. Mas esta tendencia para o engano ou logro é tambem revelada por uma narrativa do seu fervoroso amigo Alberto Sampaio, que o acompanhou na viagem a Pariz; conta elle, que Anthero de Quental fôra visitar o grande historiador Michelet, apresentando-se como um dos descendentes dos reis das Canarias, um Bettencourt, que ia cumprir a missão de lhe offerecer em nome do seu autor um exemplar das *Odes modernas* por Anthero de

Qnental. Michelet recebeu o pseudo-Bettencourt com a sua ingenita bondade, ouviu lêr traduzidas para francez algumas composições do livro, e deu ao visitante uma laconica carta de agradecimento para Anthero de Quental. Transcrevemos o proprio trecho:

«Apoz tres mezes de descanço em Sant'Anna (ilha de São Miguel) voltou de novo a Pariz. Nesta segunda jornada visitou Michelet, apresentando-se sob o pseudonymo de Bettencourt, como incumbido pelo autor das *Odes modernas* de lhe offerecer um exemplar. Leu-lhe e traduziu-lhe alguns trechos; e o genial historiador francez entregou-lhe uma carta para elle transmittir ao sen amigo». *(In Mem. p., 18.)*

Para que archivar estas pequenas cousas, que não deixão um individuo em boa luz? O livro abunda em narrativas assim insignificantes, dando todo o relêvo a destemperos da mocidade, e ao prolongamento d'esta além do seu tempo. Quando se trata de agglomerar factos positivos para fundamentar a gloria de Anthero, apenas ha pyrotechnia de estylo e elegias sobre esperanças decepadas. Neste ponto o estudo de Marianno Machado sobre a capacidade philosophica de Anthero é cheio de verdade:

«Em mim, que desde 1866 a 1868 estudára muito... a mathematica e philosophia de Augusto Comte, encontrou elle um intransigente positivista. É claro que um intransigente positivista não podia concordar com a orientação politica e philosophica de Anthero, então intransigente metaphysico. Elle esqueceu em um momento infeliz o que devia ao seu nome, classificando de *banalidade franceza* os trabalhos de Comte, um dos maiores genios de que a humanidade se orgulha, e que merece com justiça, segundo Stuart Mill, ser considerado superior a Descartes e Leibnitz, por ter manifestado uma potencia intelle-

gues de Freitas era um dos poucos homens dotados d'esta harmonia, que tornava o seu trato pessoal de uma attracção invencivel. A cidade do Porto amava-o como um filho, e todos o tratavão por um nome de affeição — *Freitinhas;* elle representava dignamente a cidade, sustentando na imprensa e nos comicios a sua independencia politica e os seus interesses economicos. Cercado d'esta immensa atmosphera de sympathia, Rodrigues de Freitas nunca pensou em enriquecer nem assaltar o poder pelo prestigio da sua popularidade.

A delicadeza das linhas da sua physionomia insinuante, a simplicidade persuasiva da sua palavra correspondião a uma extraordinaria delicadeza moral, que foi a sua maior força. Ella o defendeu dos perigos em que outros se afundárão; assistiu á derrocada dos bancos do Porto, e ficou puro entre a pilhagem, deixando ahi parte das suas economias; assistiu ao delirio politico que levou ao poder os novos talentos que só tinhão por ideal a pasta de Ministro, renegando para isso o credo que apostolavão, e diante d'essa depressão indecorosa resignou o seu mandato de deputado, e recolheu-se á confinação da vida domestica. Comprehende-se que o fallecimento de Rodrigues de Freitas, no dia 27 de Julho, produzisse uma impressão funda em todo o paiz, e que na cidade do Porto, sob uma consternação unanime, o seu enterro civil fosse uma singular apotheose. Diremos algumas palavras da sua biographia. Rodrigues de Freitas nasceu na cidade do Porto em 24 de Janeiro de 1840; seu pae era um modesto negociante do largo dos Loyos, que luctára com enthusiasmo

pela implantação do regimen monarchico-parlamentar em Portugal, no cêrco do Porto, como soldado, dos batalhões fixos. José Rodrigues de Freitas era o nome d'esse honrado patriota, que batalhou pela causa liberal, conservando as eloquentes cicatrizes de uma explosão em que ia sendo victima; não teve indemnisações, nem os empregos rendosos dados aos partidarios da exploração de um systema politico, e morreu obscuro na honrada fé dos seus principios, deixando um filho, que foi o herdeiro de seu caracter. Pelas terriveis marcas da explosão de 1832 com que ficára desfigurado, era elle conhecido pelo nome de *José Queimado*; e quando depois da revolução de Setembro de 1836 elle conheceu que o regimem monarchico-representativo era em Portugal uma burla que só servia para a exploração da dynastia dos Braganças, como se provou logo em 1842, com os Cartistas, com os golpes de Estado da Rainha, ministerios de resistencia e intervenção armada estrangeira, era na loja dos pentes, que em volta do José Queimado se ajuntavão os desilludidos, confiando ainda no espirito revolucionario de José da Silva Passos. Comprehende-se como seu filho recebeu esta tempera de um caracter intemerato e cheio de desinteresse, sacrificando-se pela liberdade; não foi sómente pelas doutrinas theoricas, que Rodrigues de Freitas amou a liberdade, obedecia a uma hereditariedade, a ponto de com a frequencia dos annos, partindo da tradição setembrista que sustentava na imprensa e no parlamento, achar-se servindo á causa da democracia e ser um dos fundadores do partido republicano em Portugal.

Rodrigues de Freitas começou o seu curso polytechnico em 1855, seguiu-o com distincção, e em 1862 alcançava, em 25 de Julho, o seu diploma de engenheiro civil, depois de ter sido premiado em todos os annos. Na Academia Polytechnica do Porto dera-se pouco depois uma vaga na cadeira de Commercio, dando lugar ao ascenso do substituto; para o logar de substituto da cadeira de Commercio e de Economia politica concorreu Rodrigues de Freitas, sendo admittido por unanimidade e provido por decreto de 29 de Dezembro de 1864. Foi n'este anno que eu tive a dita de o conhecer pessoalmente e de merecer a distincção da sua amisade; devo-lhe uma fineza impagavel. Eu era um pobre estudante do segundo anno juridico, e achei-me no Porto com o manuscripto da *Visão dos Tempos* debaixo do braço, á procura de um livreiro que a quizesse imprimir, de graça que fosse. Fui á Livraria Moré e ahi, o gerente da casa, homem entendido, passou os olhos pelo manuscripto e resolveu imprimil-o. reservando-se a salvar primeiro as despezas da impressão, e dar-me metade dos lucros liquidos sómente depois de exgotada a edição que seria de mil e quinhentos exemplares.

Eu estava por tudo, o que eu queria era o livro impresso. Rodrigues de Freitas era então correspondente do *Jornal do Commercio* de Lisboa e tendo noticia d'este meu livro e de outros projectos, que desde 1864 até hoje me têm enchido a vida, escreveu uma noticiosa referencia á obra, e o mais extraordinario augurio saudando a vocação incipiante que se revelava.

Devo-lhe as primeiras palavras de animação

que encontrei na vida; n'essa época eu vivia na mais profunda solidão moral, sem os minimos recursos de subsistencia, seguindo com heroismo um esteril curso juridico. Como sempre tinha encontrado em volta de mim indifferença e egoismo, assombrárão-me aquellas palavras generosas de Rodrigues de Freitas. Quando em 1865 publiquei o volume, com que iniciámos os estudos da ethenogenia das instituições, a *Poesia do Direito*, tambem Rodrigues de Freitas escreveu para o *Jornal do Commercio* umas substanciosas linhas que definírão magistralmente a seriedade do livro, e ao mesmo tempo dava conta dos trabalhos em que já andava occupado para a fundação da *Historia da Litteratura Portugueza*, que ainda hoje, passados trinta annos, absorve. No anno de 1867 o proprietario da cadeira de Commercio fôra nomeado Director geral de instrucção publica; para essa cadeira passou Rodrigues de Freitas como lente proprietario, abrindo-se concurso em 1868 para uma substituição, na Academia Polytechnica do Porto. Em 1868, no meio dos complicados trabalhos de doutoramento na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, era-me forçoso arranjar meios de subsistencia, um subsidio espiritual para poder entregar-me aos estudos especulativos.

Pareceu-me sempre que era no magisterio, apezar de todos os seus vicios de um funccionalismo sujeito ao governo acephalo, que eu podia encontrar uma cousa qualquer que se parecesse com um subsidio espiritual.

Dirigi-me para o magisterio, e apresentei os meus documentos para o concurso á substituição

da cadeira de Commercio e de Economia Politica da Academia Polytechnica do Porto. Foi isto em 1868; Rodrigues de Freitas era membro do Jury.

Para julgar as provas theoricas e praticas sobre Commercio e Economia Politica, forão chamados a constituirem o Jury lentes que ensinavão Astronomia, Mechanica, Calculo, Architectura, Chimica, Botanica, chegando alguns d'elles, como Antonio Girão, a requererem escusa por incompetencia.

Os concorrentes erão cinco, quatro com mais ou menos talento, com mais ou menos especiaes aptidões, e um quinto completamente boçal, um bacharel estupido, quasi analphabeto, mas que era irmão de um dos maiores influentes politicos do Porto. Começou-se logo a dizer que era esse bacharel estupido, o que seria votado!

Eu ainda acreditava em justiça entre bandidos; era como ir procurar virgens aos alcouces.

A figura de Rodrigues de Freitas no Jury era para mim como uma luz, e com elle alli seria impossivel a infamia. Chegou o dia das provas do bacharel estupido; nada respondeu, leu a lição arrastadamente, e disserão-lhe nas bochechas, na argumentação, que a dissertação impressa que apresentára fôra escripta pelo Dr. Fernandes Vaz, lente de Coimbra e correligionario politico do irmão. Depois d'isto, Rodrigues de Freitas faltou a uma das provas, e por esse facto ficou inhibido de tomar parte na votação final, pondo-se por esta fórma fóra do Jury, que elle sabia que estava a travez de tudo a votar e a admittir no seu gremio o bacharel-imbecil. Foi então que eu conheci a honradez e o alto caracter de Rodrigues de Freitas, e admirei-o, tanto

mais que elle se destacava n'aquelle meio pedagogico que antepunha os interesses materiaes aos interesses scientificos.

Encontrando-me então com um membro do Jury, conhecido desde os seus tempos de estudante de Coimbra pelo nome de Martins-Asneira, porque dizia outr'ora asneiras systematicamente e com graça, disse-me elle, desculpando-se da fava preta que me deitára: — « Você não pediu nada! » Este Martins-Asneira tinha rasgos d'estes; perguntado uma vez de surpreza, á entrada da aula, o que era plano respondeu de prompto: «E' aquillo que não é nem mais alto nem mais baixo que a sua superficie.» Doze favas pretas me brindárão no concurso da cadeira de Economia Politica na Polytechnica do Porto; tres outros concorrentes mais talentosos tambem as levárão; a questão não era de sciencia, mas de conveniencia.

Esta amostra do panno na Academia Polytechnica do Porto tinha de repetir-se tres annos depois em 1871 na Universidade de Coimbra, mas ahi mascarada a indignidade com o pretexto sophistico do principio da antiguidade do gráo preferindo á sciencia e a tudo.

Na Academia Polytechnica do Porto Rodrigues de Freitas soube sempre manter a dignidade da sciencia; para a sua cadeira escreveu um precioso Compendio de Economia Politica, em que já considera os phenonemos economicos como resultantes do organismo social que importa conhecer. Nada menos do que o reconhecimento da dependencia da Economia Politica como um capitulo restricto da Sociologia. E' uma idéa fundamental,

em que se presente a influencia da philosophia positiva no seu espirito. A causa d'esta orientação, não sendo elle um positivista, provinha dos seus estudos mathematicos pelas obras de Freycinet. As principaes questões que se passavão no nosso meio commercial, financial, economico e politico, Rodrigues de Freitas tratava-as profissionalmente no *Commercio do Porto*, jornal de grande tiragem e com meio seculo de existencia.

Pela sua direcção espiritual, e sempre animado pelos mais saudaveis principios, Rodrigues de Freitas não podia deixar de ser uma potencia no Porto; elle, porém, nunca quiz usar da situação em que se achava. Se fosse ao poder, seria nas suas reformas um continuador de Passos Manuel, continuando a obra da Revolução de Setembro; se exercesse a acção nas ruas, seria uma encarnação de José Passos e completaria a obra da Maria da Fonte e da Patuléa.

Rodrigues de Freitas entrou no parlamento em 1870, eleito por Valença do Minho; em 1871 foi eleito pelo 1.º circulo do Porto, e em 1879 e 1886 ainda pelo Porto. As miserias da politica regeneradora e progressista e a indignidade da realeza fizeram-no abandonar o liberalismo da tradição setembrista e declarar-se republicano. No parlamento fallou no contrato de casamento de D. Maria II com D. Fernando de Coburgo, segundo o qual a nação pagaria ao Allemão 50 contos e a Casa de Bragança outros 50 contos; mas nunca a Casa serenissima cumpriu este seu encargo particular lançando sobre a nação o encargo total dos 100 contos annuaes. Ao votar-se com o orçamento a dotação da familia real, Rodrigues de

Freitas reclamava sempre contra este abuso. Tambem reclamava contra a dotação do infante D. Augusto, que era de 14 contos, devendo ser só de quatro, abuso que se justificava por ter sido principe real emquanto seu irmão o rei D. Luiz não teve filhos!

Ninguem respondia á argumentação de Rodrigues de Freitas, mas vingavão-se do seu republicanismo com as votações de chapa. De uma vez o parlamento foi surprehendido com um decreto de dissolução; quando o presidente se levantou para ler esse decreto, Rodrigues de Freitas, assumindo a si a dignidade que abandonára toda aquella gente, pôz o chapéo na cabeça, emquanto se lia o disparatado ou affrontoso decreto. Por ultimo, ainda eleito deputado em 1886, mandou á Camara nm officio resignando o seu mandato. Depois do Brutal Ultimatum da Inglaterra em 11 de Janeiro de 1890, Rodrigues de Freitas ainda entrou na Liga Liberal do Norte. Foi uma das ultimas decepções. Aquella organisação, physica e moralmente delicada, não podia impunemente atravessar todos estes meios dissolventes: magisterio, parlamento e imprensa. Manteve-se sempre na sua linha inquebrantavel, mas succumbiu a uma lesão do coração. Estava destinado a uma grande missão de justiça; o imperio da torpeza deixou-o ficar para o lado, menosprezando as suas altissimas capacidades.



Preço 200 réis